



PSICOLOGIA
Sandplay

Renata Whitaker Horschutz

O imigrante japonês: quando o sofrimento se transforma em arte

Trabalho apresentado no I Simpósio do IJUSP- Instituto Junguiano de São Paulo filiado à AJB - Associação Junguiana do Brasil e à IAAP - International Association for Analytical Psychology realizado em Agosto de 2009 em São Paulo – Memorial do Imigrante.



Como o sofrimento e o sacrifício (sacro ofício) são a fertilidade da alma, a dor ocorre quando renegamos o sofrimento. Da mesma forma, quando o indivíduo consegue dar sentido e alinhar sua história, gera operações psíquicas que são facetas originárias da condição humana. O psíquico dá origem ao ato criativo, e vice-versa.

A criatividade é um alicerce da condição humana e o que nos diferencia de todos os outros seres vivos. Compreender o ser humano como um ser de ação e que se constitui por meio do gesto, que cria o inédito, promove rupturas e a transformação do mundo, remete-nos ao imigrante que, ao chegar a um país novo e desconhecido, carrega seu sofrimento, mas, ao mesmo tempo, leva no coração a esperança de alcançar uma vida melhor. Ele se encanta com as cores, sons, paisagens, temperos e, não sendo conivente ou cúmplice com as condições econômicas, políticas e sociais locais, é isento de culpa pelas situações vigentes, o que lhe confere total liberdade de desenvolver seu potencial criativo, muito a florado.

Toda esta emoção foi registrada pelas mãos de alguns imigrantes Japoneses que se tornaram artistas aqui no Brasil, e mais propriamente em São Paulo.

Sua história é sofrida, pois não é fácil desenraizar-se. Porém, nem sempre a decisão de partir tem origem na revolta decorrente de uma frustração, dificuldade, ou mesmo da necessidade de fuga. Ela pode ser motivada por um sonho, uma paixão, o desejo de viver aventuras...

Assim, os primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil, em 18 de junho de 1908, desembarcaram no porto de Santos para trabalhar nos cafezais do oeste paulista. Eram 165 famílias que haviam saído de sua terra natal cheias de esperança, confiantes de que nesta terra desconhecida um futuro próspero os aguardava.

Eram, em sua maioria, camponeses empobrecidos pela mecanização da agricultura japonesa. Sem suas terras, que acabaram perdendo, viram-se obrigados a migrar para as cidades, onde nada mais encontraram além de pobreza.



Nessa época, o Brasil vivia o apogeu da produção de café, seu principal produto de exportação, e necessitava de mão-de-obra rural, o que levou o governo brasileiro a facilitar a entrada aos imigrantes japoneses, com o objetivo de empregá-los nas fazendas cafeeiras.

Assim vieram os pioneiros, após passarem por um período de quarentena no porto de Kobe, onde se submeteram a alguns exames médicos, tiveram algumas aulas de português e compraram algumas roupas semelhantes às que aqui se usavam. Na hora da partida, ouviram o hino nacional do Japão e uma canção de despedida chamada *Hotaru no Hikari* (A Luz dos Vaga-lumes):

“Avante, companheiros, além mar

Ao Brasil, terra prometida,

Fazei brilhar a luz do Japão!

Ide com bravura hoje, na partida

À espera dos que hoje partem, carregando riqueza infinita,

Conquistar fortuna desconhecida.”

A viagem, em condições precárias de higiene e acomodação, durava cerca de dois meses. Mas algo ainda mais duro os aguardava: conduzidos à Hospedaria dos Imigrantes, de lá partiam, de trem, para as fazendas, onde uma vida de privações os esperava, aliada ao ambiente por vezes inóspito e às péssimas condições de alojamento. Trabalhavam arduamente, em regime de semi-escavidão, tendo ainda descontadas dos míseros salários as dívidas contraídas na viagem, além dos gastos com alimentação e medicamentos. Porém, a despeito de todo sofrimento, dificuldades e sacrifício, alguns deles conseguiram comprar suas primeiras terras.

O início do século XX foi marcado por um acentuado desenvolvimento artístico, que viria a culminar na Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo, já a esta altura uma cidade extremamente enriquecida pela influência multicultural do número crescente de seus



inúmeros imigrantes, oriundos de todas as partes do mundo, que nos legaram um rico patrimônio artístico e cultural.

Entre estes, destacaram-se alguns artistas plásticos japoneses radicados em São Paulo, como Tikashi Fukushima e Manabu Mabe, que deixaram seu talento de herança para seus filhos, também pintores, Tomie Otake, Tanaka Shiró e Kimi Nii.

A marca registrada desses artistas orientais é uma pintura que estabelecia um diálogo entre o Ocidente e o Oriente, conjugando a precisão do traço Oriental e as tonalidades luminosas das paisagens figurativas ou abstratas do Brasil, onde percebemos o gesto, a dramaticidade, os conflitos de pinceladas que extraem do figurativo o drama, deixando-o vívido, apresentativo e não representativo, não um cenário mas uma cena que se aproxima de cada um de nós pela emoção, atingindo uma elaboração sensível e transcendente da realidade, incorporando-a.

Nas imagens figurativas que vemos nas primeiras obras de cada um dos artistas Japoneses, a perspectiva, a busca da perfeição e a representação estão presentes; posteriormente eles passam a se expressar por meio de imagens abstratas, onde é visível uma integração das emoções e sentimentos, traduzidas no ato de pintar.

Na perspectiva, tanto na vida como na arte, temos o desejo primário, a vontade de algo perfeito, porém distante da realidade, sem emoção. Quando os primeiros Japoneses vieram para o Brasil trouxeram consigo um desejo e uma perspectiva de uma vida melhor. Através de todo o sofrimento que experimentaram na viagem e ao chegarem aqui, seu desejo foi se tornando cada vez mais distante, e a vontade foi se transformando em sentimento. Assim, gradativamente foram se tornando mais disponíveis para as novas condições, conhecendo melhor o país a que haviam chegado, incorporando os fatos, a natureza e a cultura de forma tão intensa e reflexiva, que o desejo foi se diluindo e a vida passou a adquirir uma fluidez que os fez assumir a própria essência e, conseqüentemente, se tornar parte de tudo que os rodeava.

Ao se colocarem abertos aos seus sentimentos, os artistas japoneses passaram a conhecer a nova realidade de que agora faziam parte, pois ao serem capazes de sentir a emoção passou para o segundo plano, visto que na emoção existe a falta da dimensão



reflexiva. O sentir torna a pessoa transcendente a si mesma, produzindo no indivíduo uma tensão que o afasta do aspecto formal da arte, ou seja, do figurativo, das formas perfeitas, e o leva a procurar o seu dígito, o que realmente informa e tem valor, a sua atitude diante da vida, a expressão do essencial, dos seus sentidos e sentimentos, como o cheiro do mato, o vazio do bambu, o ruído da cidade, através dos elementos externos cada vez mais expressando os internos — o SER.

Na obra pictórica desses artistas, em grande parte abstrata, as cores destacam-se, dando movimento à imagem, e tornam-se expressão de uma linguagem plástica e visual, realizando um diálogo íntimo com o observador.

Admirar as telas desses pintores é como olhar-se no espelho e reconhecer-se. Nesse momento, a arte deixa de ser cultura e passa a ser culto, adquire um sentido religioso, que nos religa a algo superior e nos coloca em comunhão, em irmandade com todo ser humano e seu sofrimento, esperança, conquistas e criatividade, dando-nos a percepção de que dentro de nós não há distância entre o Oriente e o Ocidente.

Ver uma obra de arte é um trabalho ideológico, pois o observador sai de si para olhar com o olhar do outro e entrar no universo do outro, fazendo um mergulho muito profundo dentro de si próprio. A crítica a uma obra deve, portanto, ser feita com grande cautela, pois ao fazê-la o crítico está, na verdade, falando de si próprio.



Aldeia - Suzuki



Esperança – Massaco Koga



Nascimento – Mariko Kaneko

O Grupo SEIBI, cuja sigla, em Japonês, significa *Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo*, foi um marco na arte brasileira. Este grupo de artistas nipônicos existiu de 1935 a 1943, dissolvendo-se devido à discriminação de que foi alvo a colônia japonesa durante a segunda guerra mundial, a implementação do Estado Novo e a ditadura de Getúlio Vargas, pois o Japão fazia parte do eixo Itália-Alemanha. A língua japonesa foi então proibida, escrita e falada, as escolas da colônia e seus jornais fechados, sendo presas as pessoas que fossem flagradas desobedecendo às novas leis. Apenas em 1947 o grupo reapareceria, com



uma proposta de incentivo à vida artística de São Paulo, permanecendo ativo até 1970.

Alguns de seus membros mais proeminentes, na segunda fase, foram:



Manabu Mabe (Kumamoto, 1924 – São Paulo, 1997)



Tikashi Fukushima (Fukushima, 1920 – São Paulo, 2001)



Tomie Ohtake (Quioto, 1913)



Kimi Ni i(Hiroshima,1947)

Estes e outros artistas, frutos de grandes revoluções, ficam, numa dimensão macroscópica, à mercê da grande revolução que é a criação de si próprio, e transformam o sofrimento em algo criativo dando conta, assim, do viver e do sofrer, tornando palatável o que é indigesto a qualquer ser humano, trazendo a esperança de volta, e buscando a criação de sentido.

Quando compreendemos esses imigrantes artistas como SERES que quiseram, sentiram e conheceram, podemos compreendê-los como seres de ação, de gesto, que deixaram para trás uma história e suas referências.

Todo ser humano está sempre inacabado, sempre em transição, e este fato possibilita a inevitável exigência psíquica de reinventar-se, de situar-se em um destino, formular princípios que norteadores da vida. Isto torna clara a capacidade criativa que o ser humano possui, tornando-o um ser livre, responsável pelo seu destino e por seus atos.

Assim, o que ajudou esses artistas a desenvolverem sua criatividade e suas experiências de vida, a despeito do desamparo, do abandono e da exclusão vivenciados, foi a liberdade e a possibilidade de viver a transição: ao se conectar com seus sentimentos, o indivíduo refletirá sobre eles, e este sentir transforma-se em conhecer, numa tentativa de



transcender o estágio de vida em que se encontra. Ampliando seus horizontes, direciona-se para seus objetivos, gerando assim uma transformação não só em si próprio, mas que se refletirá igualmente no mundo.

A criatividade concretiza-se então como um canal de expressão livre, que contribui para a conexão do “eu” do artista com o seu Si-mesmo, resultando no olhar e na presença do outro, que observa a obra de arte criada, também alimentando sua alma.

Porém, existe um sofrimento intenso até que um indivíduo possa conectar-se com a sua criatividade e ser aceito pelo outro, sofrimento pior que pensar na própria finitude, pois expressa uma dor e emoção sem fim, de ausência de espaço, de tempo e de reflexão. Quando tal emoção move o indivíduo, impede-o de refletir, possui-o e ameaça-o em seu próprio existir, deixando-o sem direção. Porém, se o desejo toma o lugar da emoção, ele torna-se obstinado e compulsivo. Esta dor, que a princípio parece infinita, pois não tem a moldura do olhar e da presença do outro, enclausura o indivíduo em suas emoções, tolhendo-o e impossibilitando-o de SER, a pior ameaça que alguém pode sofrer. Para que o ato criativo ocorra, algumas etapas psíquicas de transformação precisam ocorrer, a emoção precisa passar por um processo de reflexão, para que o desejo se transforme em querer, o querer em conhecer, que se traduzirá em um gesto novo, criativo, e a dor então se transforma em sofrimento, fertilizando a vida.

Podemos, assim, compreender o que impulsionou estes artistas a criar: quando o sentir, o conhecer e o querer se transformam em gesto, concretizando-se em algo, surge a possibilidade de a pessoa vivenciar a experiência de se tornar quem realmente é, e transformar o meio em que vive.

Talvez por isso Fukushima tenha se aventurado nessa travessia, vindo para o Brasil, São Paulo, inicialmente para trabalhar na colheita do café, porém surpreendentemente tomando outro rumo, começando a trabalhar na oficina do artista plástico Tadashi Kaminagai, no bairro Paraíso, onde fazia molduras. Ali se manifestou um talento que se constituiu no primeiro passo para a descoberta do pintor, enquanto fazia molduras para Di Cavalcanti, Milton da Costa, Quirino Campofiorito, membros do grupo Guanabara, criado em 1948 em torno da oficina. Era um grupo de artistas que morava na Vila Mariana e se reunia para pintar



paisagens de São Paulo. Num ambiente tão estimulante, em pouco tempo Fukushima começou a emoldurar seus próprios quadros. Participou do Salão Nacional de Belas Artes, integrou a I Bienal Internacional de São Paulo, o I Salão Nacional de Arte Moderna, ganhou prêmios e menções honrosas.



Moldura Fukushima

Fukushima registrou na arte figurativa rostos, frutas, flores, lugares, e até o carnaval. Posteriormente, na arte abstrata, registrou nas telas quase o invisível: seu querer, seus sentimentos e seus conhecimentos assimilados. Transformando-os em gesto, conseguiu brincar com as cores, com as formas, insinuando céus, montanhas, mares, bosques, em todas as fases de sua pintura imprimindo seus sonhos e registrando suas emoções.



“O artista se completa somente quando desenvolver, na plenitude, a sua própria arte. A obra só se completa quando estiver impregnada do pensamento do artista, quando ela, por si só, traduzir o sentimento do artista.”



Fukushima

Podemos dizer que todo o sofrimento pelo qual Fukushima passou trouxe-lhe uma determinação que revela a condição espiritual do homem manifestando-se através da arte e despertando-o para a possibilidade de ser livre. “Vemos isso em algumas telas de paisagens em que ele faz um ideograma com uma tinta acrílica vermelha e depois ele o cobre com outras cores, porém isso se revela como uma textura na tela. Ele dizia que este ideograma indefinido era a alma do quadro, uma alma que ninguém vê, mas é capaz de sentir”. (Giovannetti, Kiyomura,2004).

Em sua casa há uma foto sua em um altar *Xintoísta*, ritual de uma religião calcada no código de ética de Confúcio, cujo núcleo central, *Shinto* (*Shin tao* significa o caminho dos deuses), consiste no núcleo dos aspectos fundamentais da natureza e no culto dos antepassados. Esta foto sua lembra-nos “que a vida no mundo da arte continua”(Giovannetti, Kiyomura,2004) e que através da transmissão psíquica de geração para geração ele passou o seu dom de pintar também para seu filho, Takashi Fukushima, hoje um artista Nipo-brasileiro que também mostra em sua arte o seu gesto e a síntese das culturas que o influenciaram.



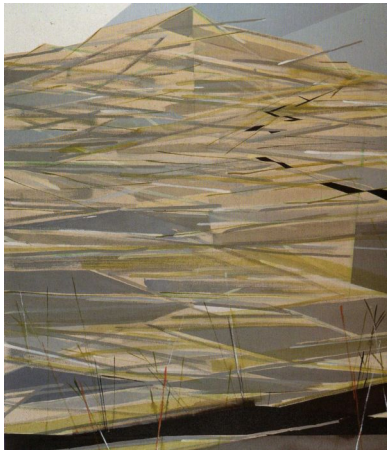
Altar

Tikashi acreditava que a experiência que seu filho tinha em seu ateliê educaria seu olhar e o tornaria um cidadão. Porém, jamais o atraiu para a pintura, embora o deixasse experimentar os materiais, sem emitir opiniões, pois acreditava que a arte podia melhorar o ser humano e o mundo.

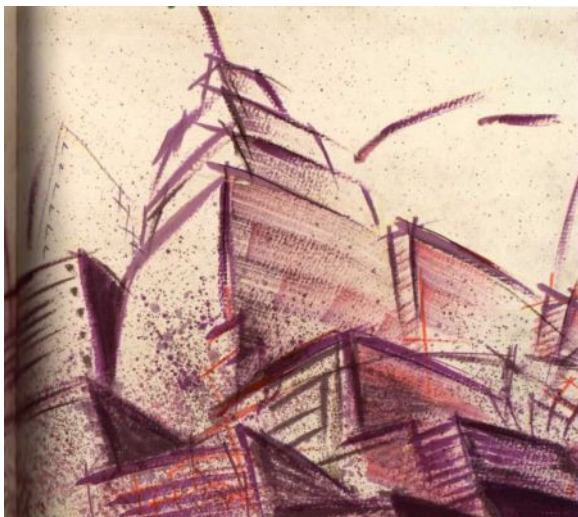
E em suas telas Takashi mostra-nos que compreendeu bem o conceito de arte que seu pai lhe transmitiu: “A arte é uma metáfora de libertação da matéria e do tempo, principalmente para um criador que desde muito cedo entendeu que alguém conformado com o mundo não pode ser artista. A visão contestadora, crítica, e a inteligência da história de seu tempo fundamentam não apenas o entendimento, mas a idealização e a própria fatura de sua obra de arte.” (Spinelli, 2008). “Pois, em arte só se acerta quem não tem medo de errar” (Spinelli, 2008), assim como na vida.



Vale das indecisões – Takashi Fukushima



Paisagem veloz – Takashi F.



Cidade – Takashi F.

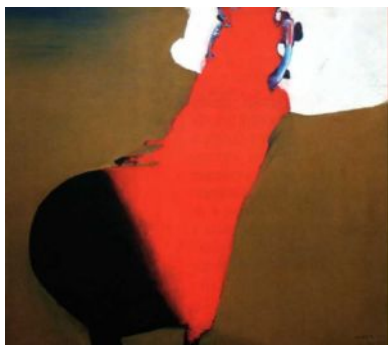
Por meio da obra destes artistas imigrantes vemos que o sofrer implica vir a ser, uma travessia, e que só há esperança quando não se perde a possibilidade de sofrer. Ao perder o seu potencial criativo, o indivíduo adocece, pois perde a esperança e a fé necessárias para



dar sentido à vida. Só há dor quando há falta de horizonte e de sentido para a vida; já o sofrimento mantém-nos em contato com a nossa criatividade e estimula uma auto-recriação, em que o gesto permite-nos acessar o abstrato e o simbólico, a fim de concretizá-los.

Fukushima encontrou sua possibilidade de ser criativo primeiramente colocando-se em transição, imigrando para o Brasil. Depois, através do anonimato das molduras, encontrou a quietude, fundamental para o desenvolvimento de sua criatividade e posterior expressão artística, que finalmente trouxe para a vida, encontrando sua individualidade, sua percepção objetiva e subjetiva do mundo e do outro e, conseqüentemente, apropriando-se verdadeiramente de sua vida.

Manabu Mabe, com toda sua simplicidade, descreveu todo o seu potencial de querer, sentir e conhecer, que se traduz em seu gesto, em sua vivência e em seu SER.



Cantando – Manabu mabe



O tempo passa – Manabu Mabe

“O que é arte? Qual a finalidade da minha pintura? Um certo dia pensei sobre tudo isto, e desde então, já se passaram mais de vinte anos. Foi bom ter pensado, pois o lavrador tornou-se pintor e minha vida mudou.

Pescar lambaris e bagres em riachos do pasto, colher cocos e goiabas, brincar de correr atrás dos pássaros, são como poesias líricas inesquecíveis de minha infância.

O fruto vermelho do café, as folhas verdes, o céu azul do interior ainda hoje são retratados sobre a tela, e o sonho daquele jovem coberto de suor e poeira que cultivou a terra roxa ainda é o mesmo de hoje aos sessenta anos, cuja alma produtiva e batalhadora pinta e apaga, raspa e torna a desenhar.

Meu sonho é infinito e viajo pelo mundo da beleza.

Aprender a manejar o belo e explorar a arte, significa travar uma constante luta comigo mesmo.

O sofrimento e a alegria de produzir.

*O que será que me faz ficar assim tão absorto?
É o belo.*

O belo surge diante de mim cada vez maior e mais amplo.



Que porção dele ser-me-á possível apoderar até que esta vida se queime por completo?

Aos sete anos de idade desenhei um guarda-chuva. Aos dez uma paisagem de outono.

Aos vinte e dois anos comecei a pintar a óleo sobre tela, frutas e paisagens da colônia e, em 1953 passei a me preocupar com as cores e formas.

Em 1958 explodiram as obras abstratas e as telas passaram a pulsar o sangue rubro de esperança e excitação.

Sim, as obras são o registro de minha vida. A partir de então minha vida foi toda talhada de obras.

Tendo nascido no século XX, participo de alegrias e tristezas, de guerra e de paz, dos desequilíbrios sócio-econômicos, ou de todos os acontecimentos do mundo como parte dele que sou.

Como filho, fui abençoado pelo amor paterno e materno, coisa insuperável por qualquer bem material. Como pai, tive alegrias e momentos de tristeza. Postada na eterna corrente histórica entre o céu e a terra deste imenso universo, esta pequena vida sonha alto em busca de um mundo ideal e vive intensamente cada dia de sua vida.”

Manabu Mabe - 1985

No mundo contemporâneo, são poucas as pessoas que conseguem apropriar-se de suas vidas e daquilo que a vida lhes oferece, o que amiúde resulta em doenças de natureza psíquica ou física. Poucos conseguem se constituir na presença do outro. Os grupos SEIBI e Guanabara, bem como seus desdobramentos, traziam apoio, acolhimento, segurança, interlocução e o sentimento de pertencer a uma comunidade, para esses artistas.

O imigrante, por ser aquele que abandona, e o que é abandonado, pode se tornar esquecido pelo outro, sofrendo uma espécie de fratura de sentido em sua vida. Porém, através da criatividade consegue buscar sentido para sua vida e, assim, reconstrói seu elo com o outro, o que lhe dará a possibilidade de existir, pois só nos constituímos através da presença, da valorização e do acolhimento do outro.



Todos os artistas, imigrantes ou não, lançam suas obras de arte para o mundo como quem lança uma garrafa em alto mar, na esperança de que alguém, em algum momento, possa compreender o seu sofrimento, que algum visitante do futuro um dia possa reconhecer esse sofrimento e a busca de alguém que viveu em um tempo e encontrou, ou não, interlocução para o seu sofrimento.

Só conseguiremos dar vazão a nossa criatividade se formos seres livres, transitórios, sem medo de errar, e acreditarmos na vida, pois a criatividade é a voz da nossa essência, que só pode ser ouvida por um “eu” conectado ao Si-mesmo.

Imagens de São Paulo feitas por artistas japoneses:



Estação Paraíso – Manabu Mabe



Parque Dão Pedro II – Flávio Shiró Tanaka



Agricultor – Manabu Mabe

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LIVRO:

FUKUSHIMA, T. ; Takashi Fukushima. São Paulo: Ed. Edusp, 2008.

GIOVANNETTI, B., KIYOMURA, L.; Ateliês Brasil. São Paulo: Ed. Empresa das Artes.

MACHADO, J., D AMBROSIO, O.; A imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Ed. Noovha América, 2008.

TIRAPELI, P.; São Paulo: Artes e etnias. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

DVD:

M SAFRA, G.; A Vida em comunidade. São Paulo: Ed.Sobornost.



SAFRA, G.; Criatividade. São Paulo: Ed. Sobornost.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

MABE, M.; Manabu Mabe. Disponível em <http://www.mabe.com.br>. Acesso em: 15.fev.2009.

*Autora: **Renata Whitaker Horschutz** - Psicóloga; analista Junguiana; membro da AJB (Associação Junguiana do Brasil); membro do IJUSP (Instituto Junguiano de São Paulo), membro da IAAP (International Association for Analytical Psychology), membro da ISST (International Society for Sandplay Therapy), especialista em atendimento infantil.*